

I

A Bertolini

— A Signora não podia fazer uma coisa destas — disse a menina Bartlett —, de maneira nenhuma. Tinha-nos prometido quartos para sul com vista, e juntos. E em vez disso estamos em quartos para norte, isto são quartos para norte, dão para um pátio e estão muito separados. Oh, Lucy!

— E além disso é *cockney*¹! — disse Lucy, que tinha ficado ainda mais escandalizada pelo inesperado sotaque da Signora. — É como se estivéssemos em Londres. — Olhou para as duas filas de ingleses sentados à mesa, para a fila de garrafas de água e de vinho tinto que corriam entre eles, para os retratos da falecida Rainha e do falecido Poeta Laureado pendurados atrás, com pesadas molduras, para a nota da igreja Anglicana (Rev. Dr. Cuthbert Eager, Oxford), que era a outra única decoração da parede. — Charlotte, não tem também a sensação de que podíamos muito bem estar em Londres? É-me difícil acreditar que lá fora as coisas sejam muito diferentes. Deve ser por estar tão cansada.

¹ Natural de Londres, falando um dialeto muito peculiar e diferente do das classes altas. (*N. do T.*)

— Esta carne com certeza que já foi usada para sopa — disse a menina Bartlett, largando o garfo.

— Eu queria ver o Arno. Os quartos que a Signora nos prometeu na sua carta dariam para o Arno. A Signora não podia fazer-nos uma coisa destas. Não há direito!

— A mim, qualquer canto me serve — prosseguiu a menina Bartlett —, mas acho realmente uma pena que tu não tenhas um quarto com vista.

Lucy sentiu que tinha sido egoísta.

— Charlotte, não me trate com tantos mimos. A Charlotte também merece ter vista para o Arno. Isso mesmo. O primeiro quarto que vagar para a parte da frente...

— Será para ti — disse a menina Bartlett, a quem a mãe de Lucy pagava parte das despesas de viagem, uma generosidade a que ela fazia muitas delicadas referências.

— Não, não, será para a Charlotte.

— Insisto. A tua mãe nunca me perdoaria, Lucy.

— Nunca me perdoaria a *mim*.

As vozes das senhoras animaram-se, tornando-se — para falar verdade — um pouco insistentes. Estavam cansadas e, sob o disfarce da generosidade, brigavam. Alguns dos companheiros de mesa trocaram olhares, e um deles — uma daquelas pessoas mal-educadas que às vezes se encontram no estrangeiro — curvou-se para a frente sobre a mesa e meteu-se na discussão. Disse:

— O meu quarto tem, o meu tem vista.

A menina Bartlett sobressaltou-se. Geralmente nas pensões as pessoas olhavam-se durante um dia ou dois antes de meterem conversa e muitas vezes só descobriam que «deveriam» tê-lo feito depois de terem partido. Sabia que o intruso era mal-educado mesmo antes de olhar para ele. Era um homem idoso,

forte, com um rosto claro e bem barbeado e olhos grandes. Havia qualquer coisa infantil naqueles olhos, embora não fosse a infantilidade da senilidade. A menina Bartlett não se deteve a pensar no que poderia exatamente ser porque o seu olhar se desviou para a maneira de vestir dele, que não lhe agradou nada. Provavelmente estava a tentar travar conhecimento com elas antes de se encontrarem bem ao corrente de tudo. Assim, quando ele lhe falou, ela assumiu uma expressão confusa e disse:

— Vista? Oh, a vista! É uma vista encantadora!

— Este aqui é o meu filho — disse o ancião —, chama-se George. O quarto dele também tem vista.

— Ah! — disse a menina Bartlett, sofrendo Lucy, que estava prestes a falar.

— O que eu quero dizer — continuou ele — é que podem ficar com os nossos quartos, e nós ficamos com os vossos. Uma troca.

Os turistas de classe mais alta ficaram chocados e tiveram pena dos recém-chegados. A menina Bartlett, em resposta, abriu a boca o menos possível e disse:

— Muito obrigada, mas nem pensar nisso.

— Porquê? — perguntou o ancião, com os dois punhos na mesa.

— Porque nem pensar nisso, obrigada.

— Deve compreender, não gostamos de aceitar... — começou Lucy.

A prima conteve-a de novo.

— Mas porquê? — insistiu ele. — As mulheres gostam de olhar para a vista e os homens não. — Bateu com os punhos como um rapazinho travesso e virou-se para o filho: — George, convence-as!

— É óbvio que ficarão com os nossos quartos — disse o filho. — Não há mais discussão.

Não olhou para elas enquanto falava, mas a sua voz era perplexa e triste. Lucy também estava perplexa, mas viu que se encontravam metidas naquilo a que se chama «uma cena» e teve a estranha sensação de que, dissessem o que dissessem aqueles turistas malcriados, o caso continuaria e aprofundar-se-ia até deixar de ser sobre vistas e quartos, mas sobre... bem, sobre qualquer coisa completamente diferente, em que ela nunca tinha pensado antes. Agora o ancião atacava a menina Bartlett quase violentamente: porque é que ela não queria trocar de quarto? Que possível objeção tinha? Eles retirariam as suas coisas em meia hora.

A menina Bartlett, embora perita em habilidades de conversa, sentia-se impotente ante aquela brutalidade. Era impossível pôr no seu lugar uma pessoa tão grosseira. O rosto dela corou com desagrado. Olhou à volta como se dissesse: «Vocês são todos assim?» E duas velhotas sentadas mais adiante, com os xailes nas costas das cadeiras, fitaram-na, indicando claramente: «Nós não somos, nós somos bem-educadas.»

— Come, querida — disse a menina Bartlett a Lucy, e começou a mexer distraidamente a carne que tinha censurado antes.

Lucy murmurou que aquela gente parecia muito estranha.

— Come, querida. Esta pensão é um desastre. Amanhã mudamo-nos.

Mas anulou esta drástica decisão mal a tinha anunciado. Os reposteiros ao fundo da sala abriram-se e revelaram um sacerdote, gordo mas atractivo, que correu a ocupar o seu lugar à mesa, alegremente, pedindo desculpa por ter chegado tarde. Lucy, que ainda não adquirira maneiras, pôs-se logo de pé e exclamou:

— Oh, oh! Mas é o senhor Beebe! Que bom! Veja, Charlotte, agora temos de ficar, mesmo que os quartos sejam maus. Oh!

A menina Bartlett disse, com mais comedimento:

— Como está, senhor Beebe? Julgo que já se esqueceu de nós, somos a menina Bartlett e menina Honeychurch. Estávamos em Tunbridge Wells quando o senhor ajudou o vigário de St. Peter naquela Páscoa muito fria.

O clérigo, que tinha o ar de estar de férias, não se lembrava delas tão claramente como elas se lembravam dele. Mas avançou bastante satisfeito e aceitou a cadeira que Lucy lhe indicou.

— Estou *tão* contente de o ver — disse a rapariga, que se encontrava num estado de fome espiritual e teria ficado contente de ver o criado se a prima lho permitisse. — Como o mundo é pequeno. E Summer Street também o torna especialmente divertido.

— A menina Honeychurch vive na paróquia de Summer Street — explicou a menina Bartlett, preenchendo o vazio —, e disse-me por acaso que o senhor acaba de aceitar...

— Sim, ouvi a minha mãe falar disso na semana passada. Ela não sabia que eu o tinha conhecido em Tunbridge Wells, mas mandei-lhe logo uma carta e disse: «O senhor Beebe é...»

— Exato — disse o clérigo. — Mudo-me para a reitoria de Summer Street em junho próximo. Tenho sorte de ter sido nomeado para um bairro tão encantador.

— Oh, estou tão contente! O nome da nossa casa é Windy Corner. O senhor Beebe fez uma vénia.

— Normalmente estamos lá a minha mãe e eu, e o meu irmão, embora não seja frequente que o possamos levar à i... isto é, a igreja é um bocado longe.

— Querida Lucy, deixa o senhor Beebe jantar.

— Estou a jantar, obrigado, e a apreciá-lo.

Ele preferia conversar com Lucy, cuja execução musical recordava, do que com a menina Bartlett, que provavelmente recordava os seus sermões. Perguntou à rapariga se conhecia bem Florença e foi informado pormenorizadamente de que ela nunca lá tinha estado antes. É delicioso aconselhar um novato, e ele era o primeiro.

— Não se esqueça dos arredores — concluiu. — Na primeira tarde bonita vá até Fiesole e dê a volta por Settignano, ou nos arredores.

— Não! — gritou uma voz do fundo da mesa. — Está enganado, senhor Beebe. Na primeira tarde bonita essas senhoras têm de ir a Prato.

— Aquela senhora parece tão inteligente — murmurou a menina Bartlett à prima. — Estamos com sorte.

E, realmente, uma autêntica corrente de informação caiu sobre elas. Disseram-lhes o que haviam de ver, quando o haviam de ver, como mandar parar os carros elétricos, como se livrarem dos mendigos, quanto dar por um mata-borrão, como o lugar as dominaria. A Pensão Bertolini decidiu quase entusiasmamente o que elas haviam de fazer. Para onde quer que se virassem, havia senhoras amáveis que lhes sorriam e as aconselhavam. E por cima de todas erguia-se a voz da senhora inteligente, que gritava:

— Prato! Têm de ir a Prato. É um lugar demasiado agradavelmente sórdido para se poder descrever. Eu adoro-o. Delicio-me abandonando os obstáculos da respeitabilidade, como sabe.

O jovem chamado George olhou para a senhora inteligente e regressou taciturnamente ao seu prato. Era óbvio que ele e o pai não encaixavam ali. Lucy, no meio do seu êxito, encontrou tempo para desejar que encaixassem. Não lhe causou nenhum

prazer especial que alguém fosse deixado de fora, e, quando se levantou para sair, virou-se e fez aos dois marginalizados uma pequena vénia nervosa.

O pai não a viu, o filho confirmou-a, não com outra vénia, mas levantando as sobranceiras e sorrindo. Parecia estar a sorrir através de qualquer coisa.

Ela correu no encalço da prima, que já tinha desaparecido atrás do reposteiro, que batia na cara das pessoas e parecia mais pesado do que o simples tecido. Do outro lado encontrava-se a Signora que não inspirava confiança, dando as boas-noites aos seus hóspedes com uma pequena vénia e acompanhada por 'Enery, o filho pequeno, e por Victorier, a filha. Perfazia uma pequena cena curiosa, esta tentativa de a *cockney* transmitir a graça e a jovialidade do Sul. E ainda mais curiosa era a sala de visitas, que tentava rivalizar com o conforto sólido de uma pensão de Bloomsbury. Aquilo era realmente Itália?

A menina Bartlett já estava sentada numa cadeira de braços firmemente estofada com a cor e os contornos de um tomate. Conversava com o senhor Beebe e, ao falar, a sua cabeça comprida e estreita andava para trás e para a frente, lentamente, regularmente, como se estivesse a demolir um obstáculo invisível qualquer.

— Estamos-lhe muito gratas — dizia ela. — A primeira noite é tão importante. Quando o senhor chegou estávamos preparadas para um peculiar *mauvais quart d'heure*².

Ele manifestou o seu pesar.

— Sabe por acaso o nome de um ancião que estava sentado à nossa frente ao jantar?

— Emerson.

² (Fr.) «Mau bocado». (N. do T.)

— É seu amigo?

— Temos relações amistosas, como acontece nas pensões.

— Então calo-me.

Ele insistiu um pouco e ela não se calou.

— Eu sou, por assim dizer — concluiu —, a dama de companhia da minha primita Lucy, e seria muito grave se a pusesse em dívida em relação a pessoas de quem não conhecemos nada. As maneiras dele foram de certa maneira infelizes. Espero ter feito o que devia.

— Agiu muito naturalmente — disse ele. Pareceu pensativo, e alguns momentos depois acrescentou: — De qualquer maneira, não me parece que acontecesse nada de mal se tivesse aceitado.

— Nada de *mal*, naturalmente. Mas não podíamos ficar a dever um favor.

— Ele é um homem bastante peculiar. — Hesitou de novo e depois disse com suavidade: — Acho que não procuraria tirar partido da sua aceitação, nem esperaria que mostrasse gratidão. Ele tem o mérito, se é que é um mérito, de dizer exatamente aquilo que pensa. Tem quartos a que não dá valor e acha que vocês os apreciariam. Não pensou em ter a sua gratidão como não pensou em ser delicado. É tão difícil, pelo menos eu acho difícil, compreender as pessoas que dizem a verdade.

Lucy estava satisfeita e disse:

— Eu tinha a esperança de que ele fosse boa pessoa. Espero sempre que as pessoas sejam boas.

— Acho que é boa pessoa e cansativo. Estou em desacordo com ele em quase todos os assuntos de importância e, desse modo, espero... posso dizer, tenho esperança nisso... que o mesmo aconteça consigo. Mas é uma pessoa com quem se está mais em desacordo do que se deplora. Quando chegou, como

é natural, as pessoas viravam-lhe as costas. Não tem tato nem maneiras, e não quero dizer com isto que tenha más maneiras, e não é capaz de guardar as suas opiniões para si. Quase nos queixámos dele à nossa deprimente Signora, mas estou muito feliz por termos mudado de ideias.

— Devo concluir — disse a menina Bartlett — que ele é socialista?

O senhor Beebe aceitou essa palavra conveniente, não sem torcer um pouco os lábios.

— E é de crer que criou o filho também para ser socialista?

— Eu mal conheço o George, porque ele ainda não aprendeu a conversar. Parece uma pessoa agradável e acho que é inteligente. Claro que tem toda a afetação do pai, e é muito possível que também seja socialista.

— Oh, isso tranquiliza-me — disse a menina Bartlett. — Acha então que devia ter aceitado a oferta dele? Acha que fui mesquinha e desconfiada?

— De maneira nenhuma — respondeu —, nunca sugeri nada disso.

— Mas não devia pelo menos pedir desculpa pela minha aparente rudeza?

Ele respondeu, com uma certa irritação, que seria totalmente desnecessário e levantou-se do seu assento para ir à sala de fumo.

— Fui inoportuna? — disse a menina Bartlett, logo que ele desapareceu. — Porque não disseste nada, Lucy? Ele prefere pessoas novas, tenho a certeza. Espero não o ter monopolizado. Contava que te encarregasses dele toda a noite, assim como durante o jantar.

— É simpático — exclamou Lucy. — Exatamente como o recordo. Parece que vê o bem em toda a gente. Ninguém o tomaria por um clérigo.